

TÍTULO: Camas Politicamente Incorrectas da Sexualidade Contemporânea  
AUTOR: Eugénia de Vasconcellos

© Autora e Guerra e Paz, Editores, S. A.  
Reservados todos os direitos

REVISÃO: Helder Guégués  
DESIGN DE CAPA E PAGINAÇÃO: Ilídio J.B. Vasco  
FOTOGRAFIA DA AUTORA: Maria João Cabrita

ISBN: 978-989-702-078-0  
DEPÓSITO LEGAL: 361298/13  
1.ª EDIÇÃO: Julho de 2013

Guerra e Paz, Editores, S. A.  
R. Conde Redondo, 8-5.º Esq.  
1150-105 Lisboa  
Tel.: 213 144 488  
Fax: 213 144 489  
E-mail: [guerraepaz@guerraepaz.net](mailto:guerraepaz@guerraepaz.net)  
[www.guerraepaz.net](http://www.guerraepaz.net)

**Camas**  
**POLITICAMENTE**  
**INCORRECTAS**  
**da sexualidade contemporânea**

**Eugénia de Vasconcellos**



*Para o meu Amor, com este poema*

*Para Ruy Belo, contigo*

SOMOS DE LONGE E TEMOS DE VOLTAR

Uma casa, um lugar: o coração  
o tempo onde, afinal, existíssemos  
fora deste problema da habitação  
É nómada a tua língua e a minha  
dizemos palavras sem morada  
desmontando a cada dia as tendas  
e a poesia sem retorno e sem adeus  
Não posso chegar nem a ti nem a Ele  
nem deixar de caminhar para ti e até Ele  
Vivo, amo e digo como quem reza  
entre isto e a morte inscrevo o vazio da fé  
nele levanto uma casa, um lugar: o coração

*Para a minha Avó, que me mostrou a bênção do riso*

Eu, por exemplo, só tenho por amigos aqueles que possuem senso de humor. Não importa serem ricos, pobres, doutos ou ignorantes. Interessa o espírito fantástico, o amor da pirueta, e o espírito diligente e capaz de riso. O riso, essa bênção deixada aos homens quando os anjos selaram as portas do paraíso, é o que me liga seriamente às pessoas.

Agustina Bessa-Luís *in Dicionário Imperfeito*,  
Guimarães Editores, Lisboa, 2008

# ÍNDICE

## INTRODUÇÃO

Let's talk about sex, baby, let's talk about you and me . . . . . 11

## AS CAMAS DO BARBA-AZUL

### I. A CAMA FEMINISTA: MULHERES DE PÊNIS E HOMENS CASTRADOS

**Do feminismo à revolução sexual . . . . . 21**

Este é o teu sexo entregue entre nós. . . . . 23

Ó Simone, larga lá o microfone... . . . . 30

Primeira, segunda e terceira vagas do feminismo:  
com tanta onda ainda uma mulher se afoga . . . . . 35

Revolução sexual: andróginos?  
Talvez os anjos, mas ninguém sabe, ninguém os vê . . . . . 48

### II. A CAMA DE CASAL: ESTÁS A DORMIR?

**ENTÃO, CHEGA-TE PARA LÁ QUE TENS OS PÉS FRIOS**

**A decadência institucional do casamento . . . . . 55**

Uma cama de casal é para quantos? . . . . . 63

Anda cá que és meu! Não te desgraces que és minha... . . . . 71

Foge, Nelson, que se não me agarram mato-te! . . . . . 82

<b>III. A CAMA CATÓLICA: E A ISTO QUERES CHAMAR CULPA OU PECADO? NÃO SEI, FAZ LÁ OUTRA VEZ A VER SE DECIDO...</b>	
<b>A perda de influência da religião católica . . . . .</b>	<b>97</b>
Ai Julia Kristeva, Julia Kristeva, com um nome tão cheio de Cristo e olha o que te fizeram as más companhias.... . . . . .	.102
Alumbrados do século XXI, apagai a luz, filhos, que me encandeia.... . . . . .	.112
Entre Sade e a Santa Cruz? Pois venha Jesus... . . . . .	.115
<b>IV. A CAMA MODERNAÇA: LIGA AÍ A TELEVISÃO, SE FAZES FAVOR, HMM... COMO É QUE DISSESTE QUE TE CHAMAVAS?</b>	
<b>O pós-modernismo e o nivelamento da cultura e da arte. . . . .</b>	<b>121</b>
Ó rapaz... então escavacaste-me as paredes?! . . . . .	.129
Deixa lá a ardósia, ó anarco-radical, que o ensino vai malzinho mas sempre vai de computador... . . . . .	.132
<b>AU REVOIR</b>	
<b>ET MAINTENANT QUE VAIS-JE FAIRE? . . . . .</b>	<b>141</b>
<b>MERCI E BIBLIOTECA MÍNIMA . . . . .</b>	<b>143</b>
<b>A AUTORA. . . . .</b>	<b>148</b>



## INTRODUÇÃO

### Let's talk about sex, baby, let's talk about you and me

**E**ste é um livro de opinião. Convicta, porém opinião. Um edifício rígido de conclusões? Categorias? Nem pensar. É uma conversa, aqui, entre nós, uma interpretação das camas que temos. Nas linhas, fala quem escreve, e nas entrelinhas fala quem lê. Fazemo-lo em voz mais baixa, claro, falar de sexo alto e bom som ou é comício, ou terapia de casal, ou conferência de sexologia, três secas – ora isso não é *sexy* e a sexualidade é.

A sexualidade, antes de ser uma cama de dois, é uma cama de um só corpo, o nosso próprio corpo. E quando digo corpo, digo emoções, pensamento. Digo desejo. E, ainda da sexualidade, digo que é construída na relação com os outros da nossa vida, tanto quanto na fantasia, ou na imaginação que também nos determina. Nós conosco, com os outros, e os outros em nós. E o mundo em volta e o mundo dentro com quem nos fazemos Eros e Psique, ou, por outras palavras, com quem nos fazemos a alma que há no corpo, o amor que o erotismo traz.

São essas experiências de ser cama de alguém e estar na cama com alguém que aqui comento consigo: as que do ângulo poético vejo e subjectivamente interpreto, as deste quotidiano que contemporaneamente vivemos. Esta subjectividade não obsta aos factos estatísticos, nem à dinâmica psicológica, à eterna trama em números, em encaixões, papéis, que funcionam como espelhos, ora de hoje ora de sempre, nas paredes do quarto.

E há o pecado. Oh meu Deus, e se o pecado é fundamental para falarmos de sexo. Traz por junto a culpa e assim se faz o sal que impede a assepsia clínica da conversa – mas guardemos a natureza, a cultura, a religião e o tabu para depois, lá mais para diante, não precisamos de gastar os condimentos todos no prato de entrada.

Ainda assim, a propósito de cultura, poesia e tabu, vale a pena deixar falar Camille Paglia: *a poesia é o elo entre o corpo e a mente. Na poesia, cada ideia está fundada na emoção. Cada palavra é uma palpitação do corpo.*

O que defendo, quando me debruço sobre as camas onde dormimos, é que a poesia é a conquista da linguagem pela imaginação, a subversão da regra, os nossos cinco sentidos a construírem o sentido, e os múltiplos sentidos apoderando-se subjectivamente do mundo. A poesia, escrita por mulheres ou por homens, é a matemática e a música do feminino, é outra forma de afirmação, e não de sublimação, do sexo – Picasso sabia-o quando afirmou: *a arte e a sensualidade são a mesma coisa.*

O objectivo não é, obviamente, apresentar qualquer explicação que permita compreender a sexualidade. Apenas vivê-la mais com-

pletamente, entrando nesta aventura do pensamento, delta da imaginação e do corpo. Porque da sexualidade, a única matéria parcialmente percebida são os traços largos, culturais, os de uma determinada sociedade, no caso, a ocidental, num determinado momento, agora, à sombra de um conjunto de valores políticos, estéticos e religiosos, morais, ora mais, ora menos débeis. Podemos aceder a alguns dos elementos que constroem o mapa erótico, o comportamento sexual, os que são essencialmente civilizacionais e estáveis no tempo. Porém, ao fundo da sexualidade como ao fundo do oceano, não, nunca, porque não é acessível, e porque a natureza é uma imensa força, e em mutação, parte dela é, sempre será, insondável.

Vamos, *voyeurs* que somos, espreitar as camas. Convém, no entanto, como na cartografia, assinalar: a partir daqui, há dragões.

Eugénia de Vasconcellos

21 de Fevereiro de 2013



# AS CAMAS DO BARBA-AZUL



## BARBA-AZUL

Diante das mulheres,  
o sol, discreto,  
corta nos homens  
o hábito do rosto.  
Levantada uma vez,  
a ponte, tudo  
permanece no seu lugar,  
excepto a chave na  
mão fresca da menina.  
Com ela há-de abrir  
a vulva às recordações.

Gil Nozes de Carvalho, in *Aboiz*. Lisboa: Regra do Jogo, 1985

**O**s meninos e as meninas não são iguais. Os rapazes e as raparigas não são iguais. Os homens e as mulheres não são iguais. A igualdade entre os géneros não é apenas contranatura, é também contra a civilização. E, de modo paradoxal, conduz a uma hipersexualização polimorfa, indistinta, tendencialmente agressiva e pornográfica. Espere, não se vá embora a gritar que a igualdade de direitos não é igualdade de géneros, espere, explico-me.

Mas antes faço um mínimo parêntesis. Hipersexualização poli-morquê? A hipersexualização é a sobrecarga de estímulos sexuais e a facilidade de acesso ao sexo. Que sexo? Indiferenciado: imagine bocas sem rostos, orifícios sem corpo, falos de ninguém. Corpos sem nome e sem o valor que se atribui à vida. E cujo único propósito é o de trazer uma gratificação imediata, o escoamento de uma tensão, sem mais.

Quando tudo é permitido, a busca do proibido é a busca do limite, e o limite é a violência, a morte. Que medo. Apetece-lhe fugir? A mim também, pensa o quê?

A introdução da regra, a defesa da norma, são as fronteiras que limitam, circunscrevem, nos preservam, enfim, da regressão sexual, do retorno a uma natureza brutal que acaba por destruir o erotismo e ao fim o próprio prazer ao desorganizá-lo e reduzi-lo a uma função animal. Ora, a animalidade pura está muito bem, mas é para os leões na savana: para que havemos de voltar a rugir quando tão bem podemos suspirar?

Os mesmos elementos que fazem uma boa civilização fazem uma boa cama. E, se uma civilização está decadente, fazem-nos a cama.

Uma boa cama precisa de regras para poder transgredir em segurança: a força latente que o sexo acorda é primitiva, olhe, é o tal leão, precisa do chicote que a sociedade, a moral, as instituições, a cultura e a arte oferecem. Ou porque é que pensava que se diz: sossega, leão! Por isto.

É do confronto entre o mais animal, o mais normativo e o mais sublime que há em cada um de nós, é deste conflito de vontades

fundamentais, a de criar e a de destruir, a de viver e a de morrer, que se gera o filtro para a agressividade, se acede ao erotismo, e nasce o prazer. E as outras coisas lindas, o direito, a pintura, a música, a arquitetura, o... Todavia, isso é outra conversa.

E agora sim, voltamos à falsa questão da igualdade, ao feminismo que associado a um machismo atávico nos empurram para as águas de onde emergimos um dia para nos elevarmos. E à revolução sexual e... não me vai deixar pendurada a falar sozinha só porque disse uma coisinha mais lailailai? Então, fique para me contrariar, vá.

O regresso à polimorfia sexual que caracteriza o estado mais embrionário da sexualidade voltou a eclodir, facilitado pelo feminismo, após a revolução sexual, e foi potenciado pelo uso da pílula, cresceu em poder de modo inversamente proporcional à perda de significado do casamento como instituição e o conseqüente aumento do número de divórcios, com a quebra de influência da religião e cultura católicas no quotidiano, e finalmente, mas não por último, no pós-modernismo, com o nivelamento da arte e do ensino.

Não, claro que não estou a defender que voltemos a 1950. Estou apenas a apontar uma velha máxima romana: *aquilo que te alimenta é o que te destrói*. E claro que a traduzi do latim, não queria que saísse daqui para ir consultar o dicionário ou a barriguinha tatuada de Angelina Jolie.

Pronto? Vamos?



# I A CAMA FEMINISTA: MULHERES DE PÊNIS E HOMENS CASTRADOS

Do feminismo à revolução sexual



## Este é o teu sexo entregue entre nós

As sufragistas sabiam o que já adiante afirmarei, mas antes, obrigada, obrigada, meninas sufragistas, senhoras: sem votar, não se pode viver num sistema democrático. Sem paridade legal, não se está de corpo inteiro na sociedade, sem acesso ao ensino superior, não há mobilidade social porque os campos profissionais ficam predeterminados.

Para evitar mal-entendidos de xô reaccionária e outros mimos, afirmo sem margem para dúvidas que tanto a mulher quanto o homem devem ser política e juridicamente figuras com o mesmo valor. Mas não são. E não, não me estou a referir às sociedades não ocidentais ou ao início do século passado. Aqui mesmo. Hoje. Dou-lhe um exemplo: o aborto ou a politicamente correcta interrupção voluntária da gravidez. Basta que a mulher se decida pelo sim. A minha oposição não está ligada às minhas convicções religiosas ou éticas – são as minhas, são privadas, ninguém tem de viver em acordo com elas.

Se a descriminalização do aborto era uma obrigação, pois não cabe à lei a regulamentação da matéria privada, porque pertence apenas e só à mulher a autoridade para a realização desse acto? São precisos dois para que uma engravide. A gravidez não é propriedade. É responsabilidade. Ao isentar o homem da responsabilidade, está-se a incapacitá-lo de se responsabilizar. Eu é que sei. A mãe é que sabe. Porque sim. Ou seja, a pôr o homem na posição de filho. Não de homem. Inteiro. Potente. Completo.

E a propósito, o tabu do incesto é fundante e operativo, isto é, actua, não apenas ao nível social, mas simbólico. Não se dorme com o filho. Ponto. Não negociável. Nem o filho com a mãe.

Sei o que está a pensar. Castrar não é tornar filho, é tornar impotente. Pois... As mães facilitadoras, permissivas, infantilizam os filhos: a ausência de confronto não permite uma identidade separada das suas próprias identidades. E sim, as verdades tendem a exprimir-se paradoxalmente: as mães permissivas como as sociedades permissivas destroem a identidade individual, ou seja, são tão dominantes que não admitem a separação, a diferença, a alteridade, o exterior de si. No limite, este cordão umbilical só se corta com os próprios dentes. E acaba por ter de ser cortado porque a sexualidade não é eternamente latente. Durante quantos anos dormiu a Bela Adormecida? Cem. E acordou. É assim.

Se não definirmos o interdito, se não desenharmos os nossos próprios monstros, a partir do nosso tecido interno, eles comem-nos e o monstro somos nós. Traçando o contorno ao interdito, admitimos que o monstro existe, reconhecemo-lo ao espelho das ambiva-

lências e contemo-lo nesse traço como num círculo mágico, e só da forma adequada, némesis de uma identidade reptiliana que a nossa biologia preserva no lado mais antigo do cérebro, nos vem assombrar: através do acto criminoso, da lei que o criminaliza, da encenação que o revive, da arte que também o explora e expõe.

E o que tem isto que ver com o feminismo? Tudo. Não se exalte, os seus e os meus pais, os nossos avós, viveram as mesmas batalhas, estiveram debaixo do mesmo jugo.

Parte do feminismo construiu-se em simetria com o marxismo. Se neste se lê capitalismo, no outro lê-se homem e são os dois o mesmo opressor: o falso. Uma mentira mil vezes repetida torna-se verdade? Sim, sempre que acreditamos nela. As molduras não explicam a tela, só dirigem o olho para onde querem. Mil vezes e ainda não acredito.

O homem não oprimia a mulher. As gravidezes sucessivas oprimiam a mulher. A amamentação sucessiva oprimia a mulher. Cuidar da sobrevivência dos seus filhos, um após o outro, oprimia a mulher. Estar refém do próprio corpo oprimia a mulher.

A lei, feita pelos homens e para os homens, desconsiderava a mulher. A política feita por homens e para homens relegava a mulher para o lugar que ela ocupava. Os homens sequer oprimiram outros homens: organizaram-se hierarquicamente, cabendo tudo ao alfa e nada ao ómega. Os homens, já Shakespeare, em 1598, o enunciou no discurso de Henrique V antes da batalha no dia de São Crispim, *we band of brothers* – nós, bando de irmãos – agem em grupo, porém cada um no seu lugar.

Curiosamente, e isto é uma nota extensa, mas uma nota onde cabe a outra parte do mesmo feminismo, as sufragistas desconsideraram igualmente a mulher: recorreram ao homem para que alterasse a lei usando de argumentário masculino para a obtenção dos seus objectivos. Isto é, apresentaram-se de acordo com as expectativas masculinas e em favor dos interesses masculinos: mulheres, ocidentais, de classe média, é importante referi-lo para melhor compreender o que se passa ainda hoje, com a superioridade que as fazia impolutas, puras, fiéis depositárias de uma emocionalidade nutridora, cuidadoras primordiais, juízes da moral e bons costumes, pretendiam com o voto elevar a sociedade. Não fazer ou refazer ou discutir política, legislar, executar. Elevar.

A incontornável Harriet Taylor, ao início do século XIX, defendia o direito de a mulher trabalhar fora de casa e em locais públicos, mas, casada e mãe, só deveria poder fazê-lo se um número adequado de criadas garantisse o bom funcionamento doméstico e o cuidado dos filhos. Parece razoável. Seria? E dos filhos das criadas cuidavam outras criadas? Pergunto: a maioria das mulheres do século XIX era de classe média? Escuso-me a perguntar se era ocidental e de raça branca. Lá mais para a frente voltaremos aqui para explorar esta cama puritana onde, mais do que qualquer outra, quem dorme é uma mulher punidora de outras mulheres tidas por inferiores porque é incapaz de ser dominadora com um homem – e um homem precisa de ser dominado por uma mulher tanto quando uma mulher precisa de ser submetida por um homem. Porque foi aqui, ou melhor, na Inglaterra vitoriana, ponte para os Estados Unidos e a França, que

um grupo minoritário de mulheres decidiu o que era o feminismo, para quem era o feminismo e que mulheres eram dignas da designação feminista. Não se podem ignorar os factos: as mulheres divorciaram-se das mulheres aqui e por isso entraram mal no mundo masculino. Explico.

O que se poderia ter constituído como um movimento civilizacional à escala global, associando pelo lado europeu os ideais que decorreram da Revolução Francesa, e pelo lado americano os valores e direitos civis do abolicionismo, cindiu-se por incapacidade de olhar, ver e valorizar positivamente género e raça.

Ex-escravas, naturalmente abolicionistas e depois anti-segregação social, activistas dos direitos humanos, feministas, como Sojourner Truth, primeiro, e Ida B. Wells, depois, foram obliteradas fora da cultura negra, obviamente, por mulheres como Elizabeth Cady Stanton, figura de proa de um feminismo de segmento, branco e anglo-americano, incapazes de perceber os discursos e acções inclusivas originadas na experiência da própria exclusão de ex-escravos, o corpo, o pensamento e as aspirações excluídos, e para quem a emancipação da mulher era uma questão de todas as mulheres. Tal como o direito ao voto, um direito de todos, homens e mulheres. Não eram questões de religião, género, raça ou credo. E, no entanto, as herdeiras de Stanton dominaram o pensamento feminino, o feminismo, os estudos femininos.

Outra das questões vitorianas que ainda hoje reverbera é a da prostituição – e a da pornografia.

Para proteger as mulheres do internamento compulsivo para averiguação genital que a lei permitia, logo que fossem suspeitas de prostituição, portanto, capazes de disseminar doenças sexualmente transmissíveis, parte das feministas instituíram-se como mulheres acima da dúvida da prostituição. E em acordo com o homem de classe média, dessexualizou-se a mulher, erigiu-se o anjo, a fada do lar. A esposa. Outra parte destas feministas, a maior parte, vitimizou a prostituição, e fazendo da prostituta a vítima do homem, retirou à mulher o poder e entregou-o ao homem – não estou obviamente a esquecer ou sequer a minorizar a acção de Josephine Butler no que diz respeito à tenacidade com que lutou contra esta lei que permitia o abuso das mulheres. Josephine Butler encarna a Mãe conforme a Bíblia, a sua intervenção social é antes de tudo o mais um preceito religioso de carácter cristão e educativo.

Não há, não pode haver espanto com tais leis vitorianas. Presumir que o mundo dos homens se dirigia às mulheres é como pretender que o papa se dirigia aos budistas. E onde se lê dirigia, leia-se dirige para aprender depressa e bem.

Os homens fizeram para si o que as mulheres, engolidas pela própria maternidade, não fizeram para elas. E os homens fizeram-no em grupo. A acção de grupo é o comportamento de um animal diante de outro que não pode enfrentar sozinho, de que não se pode defender sozinho: é o grupo que o faz e protege.

Sozinho, o homem, não por inferioridade, apenas por condição, não consegue dominar a mulher, pois ela é a origem da sua própria

vida, a mãe, primeiro, e o objecto do seu desejo e de realização do seu Eros interno, a amante, depois. Por isso partiu em grupo. Viveu em grupo. Organizou o grupo. E regressou sozinho, regressa ainda, quando tem fome, ao seio materno – é sempre ao seio que lhe foi retirado à boca da fome, à primeira fonte de prazer, prazer atempadamente negado, que regressa.

A civilização de que temos memória é esta, a que o patriarcado ergueu. A que o homem fez. E por isso conhecemos as excepções de cor: quantas pintoras pode nomear, assim, de repente, do século xvi? Guerreiras da Idade Média além de Joana D'Arc? Escritoras, poetas, já algumas, poucas, porém. Arquitectas? Sabe onde encontra, século após século, uma enorme lista de mulheres poderosas? Na cama e nos círculos concêntricos que se formam à volta dela, como na superfície da água e enquanto a pedra encontra o caminho mais rápido até ao fundo: amantes, cortesãs, favoritas. Porque sexo é poder. Na superfície e em volta, e da superfície ao fundo. Lá mais para a frente falamos destas coisas boas, sim?

Quando a mulher se põe na posição de vítima oprimida e reproduz o modo de acção de grupo masculino para ocupar o lugar do homem, não está a reproduzir o comportamento masculino, não constrói o lugar da mulher, como o homem construiu o lugar do homem, pela simples razão de sequer o ter concebido, e abdica do modo de poder sexual feminino para usar o modo de poder masculino. Todavia, com ele vem o falo. Ora ele faz falta ao homem e, se a mulher não o usar, garante-lhe que ele lho dará com gosto.